

Dossiê Temático

Democracia e comunicação política em tempos de pós-verdade

Democracy and political communication in post-truth times

Fábio Hoffmann^I , Everton Rodrigo Santos^{II} 

^I Universidade Federal do Rio Grande do Sul , Porto Alegre, RS, Brasil

^{II} Universidade Feevale , Novo Hamburgo, RS, Brasil

RESUMO

O acesso cada vez mais frequente às redes sociais digitais vem provocando um novo *modus operandi* para a prática da comunicação e do conflito político. O objetivo deste artigo é investigar e refletir sobre esse processo de mudança, tão caro para as regras do jogo democrático. O método empregado é comparativo, com análises descritivas e explicativas, e se vale de dados do Consórcio Latinobarômetro e da Pesquisa Mundial de Valores (WVS). A hipótese é que o deslocamento do conflito político para estas novas ferramentas tem contribuído para que as estratégias de comunicação que atuam na relativização dos fatos políticos e na desconstrução de narrativas tradicionais ganhem espaço. As redes sociais digitais alteram gradativamente a lógica da comunicação no conflito político, e respondem por parte do desconforto causado atualmente nas democracias liberais ao promover canais para a evasão de narrativas oriundas do autoritarismo populista.

Palavras-chave: Comunicação política; Democracia; Redes sociais digitais; Pós-verdade

ABSTRACT

The increasingly frequent access to digital social networks is provoking a new *modus operandi* for the practice of communication and political conflict. The purpose of this article is to investigate and reflect on this process of change, so dear to the rules of the democratic game. The method employed is comparative, with descriptive and explanatory analyses, and uses data from the Latinobarometer Consortium and the World Values Survey (WVS). The hypothesis is that the displacement of political conflict towards these new tools has contributed to the fact that communication strategies that act in the relativization of political facts and in the deconstruction of traditional narratives gain space. Digital social networks gradually change the logic of communication in political conflict, and respond to part of the discomfort currently caused in liberal democracies by promoting channels for the evasion of narratives arising from populist authoritarianism.

Keywords: Political communication; Democracy; Digital social networks; Post truth

1 INTRODUÇÃO

Em 2016 a palavra “pós-verdade” foi escolhida como a palavra do ano pelo Dicionário Oxford. A razão é simples, pois naquele ano as ações concentradas de fake news impactaram de forma decisiva no plebiscito pela saída do Reino Unido da União Europeia, o que acabou no desfecho de vitória do Brexit¹. As lições de 2016 ainda seriam replicadas naquele mesmo ano nas eleições norte-americanas com a vitória do Republicano Donald Trump e em 2018 com a vitória de Jair Bolsonaro, então no Partido Social Liberal (PSL), no Brasil. A comunicação política vem se transformando numa velocidade acentuada, alterando lógicas de conflito e modificando o comportamento dos atores e instituições. E tudo isso, em grande medida, pelo crescente protagonismo dos novos canais de comunicação, onde enfim, uma nova cultura informacional vem ganhando preponderância nas democracias contemporâneas.

De acordo com Thompsom (2011), é difícil conceber um processo de comunicação sem uma mínima coerência nos canais de produção, transmissão, recepção e realimentação acerca do produto ofertado. Quando se aborda o fenômeno político e a narrativa eleitoral o objeto é ainda mais complexo, pois se está falando da presença de elementos simbólicos constituídos e ressignificados ao longo do tempo em sociedades culturalmente tão diversas como complexas (Hoffmann; Santos, 2017). As aflições, aspirações e esperanças presentes no imaginário coletivo, determinadas e demandadas pela sociedade, constituem-se no bem mais precioso a ser tangenciado por uma comunicação política eficaz.

Desde o surgimento do rádio e a transferência de protagonismo para a televisão, na segunda metade do século XX, nenhuma outra transformação tem impactado de forma tão decisiva o processo de comunicação política quanto às redes sociais digitais. Diferentemente dos canais tradicionais por onde fluía

¹ O Brexit refere-se ao plebiscito realizado em 2016 que perguntava aos britânicos se o Reino Unido deveria ou não permanecer na União Europeia, ou seja, em última instância se os britânicos estavam felizes ou não com a integração promovida ao longo do tempo entre os europeus.

uma narrativa política coerente, histórias a serem contadas com finais felizes ou tristes, toques dramáticos e até humorísticos, os engajamentos das novas mídias são atraídos exatamente pelo oposto: imediatismo, incoerência, confusão e agressividade, um tipo de comunicação que agencia o excesso, embaralha a informação, atua na relativização dos fatos e age na divisão.

A comunicação política na era do pós-verdade não explica, confunde. Ela não constrói, pelo contrário, embaralha o processamento cognitivo da informação na cabeça do cidadão. Em um ambiente de crescente protagonismo destas novas mídias, o papel central do jornalismo tradicional procura se reafirmar em meio ao caos que se opera na proliferação de informações e notícias falsas, e que têm abalado, inclusive, muitas democracias consolidadas. “Des-cons-tru-ção” é apenas uma das palavras que tem caracterizado o processo de comunicação da política contemporânea. Na comunicação pós-narrativa na era do pós-verdade, os alicerces de reputação da política e do político estão expostos à prova, mais do que nunca, do mais construtivo e corrosivo processo de comunicação social engendrado pelo homem até aqui.

O objetivo deste artigo é investigar e refletir sobre esse processo de mudança na comunicação política, descrever seus nuances e analisar os impactos imediatos nesse campo para o regime democrático. A hipótese é a de que as redes sociais digitais acentuaram a crise do modelo liberal de democracia ao propor um novo modo de estabelecer o conflito político, deslocando para estas novas ferramentas de comunicação estratégias do autoritarismo populista, que atuam na relativização dos fatos políticos e na construção de narrativas antissistêmicas.

Para esta tarefa são utilizados dados de séries temporais do Consórcio Latinobarômetro (2013–2018) para verificar a evolução do acesso às diferentes redes sociais digitais pelos brasileiros e da Pesquisa Mundial de Valores (World Values Survey – WVS) para analisar, comparativamente, dimensões como fonte de informação, percepção do uso da tecnologia para a vida e confiança nos meios de comunicação tradicionais. As análises depreendidas são longitudinais e

transversais e baseiam-se em dados referentes à Alemanha, Brasil, Estados Unidos, Japão, México e Turquia, países que, dentre outros, apresentam uso intenso das redes sociais digitais para a ascensão do populismo autoritário.

O artigo está estruturado da seguinte maneira: além desta introdução, é feita uma breve descrição da evolução da comunicação política moderna; em seguida, algumas abordagens que caracterizam os espaços surgidos nesta nova arena são trazidas e dados sobre a mudança no acesso a informação são apresentados; na sequência é analisada a penetração e consequências dessa nova forma de comunicação nas democracias contemporâneas, e dados sobre a confiança nos meios de comunicação são apontados; depois é feita uma reflexão sobre as verdadeiras causas da crise e se analisa o futuro das democracias liberais; e, por fim, as considerações finais apontam os desafios analíticos enfrentados e as conclusões principais.

2 OS PRIMÓRDIOS DA COMUNICAÇÃO POLÍTICA MODERNA

O aprimoramento tecnológico da comunicação sempre incutiu um alto grau de impacto não só na forma de representar o social e seus fatos, mas também e principalmente na percepção que se tem deles. Foi com a revolução gutemberguiana que a impressão pode avançar na direção da massificação da comunicação escrita. Ao superar a impressão em bloco para um método novo em diferentes níveis de produção que envolvia os tipos móveis, a prensa, tipo de tinta e o papel adequado, Johan Gutenberg desenvolveu não um simples “aparelho ou instrumento, ou, mesmo, uma série de melhoramentos, mas um completo processo de produção” (Hart, 2002, p. 91). Processo que permitiu ampliar o acesso à informação escrita para uma parcela cada vez maior de pessoas, como que ocorreu com o desenvolvimento dos jornais impressos em séculos subsequentes.

O rádio igualmente desempenhou papel importante na ampliação da penetração da comunicação na sociedade. Enquanto o acesso a informação escrita estava confinado a um mundo de letrados, o rádio podia e falava muitas vezes dos

fatos em uma linguagem social corrente. Um episódio em que seu poder foi testado de forma trágica foi quando Orson Welles simulou em cadeias de rádio um ataque de alienígenas. Embora o ataque narrado por Welles tenha sido oriundo de um livro de ficção científica², as pessoas que o escutavam tomaram como verdade o que acabou levando ao pânico geral. O uso da rádio para o jornalismo, no entanto, é mais antigo. No Brasil, um importante marco foi a criação da Voz do Brasil em 1935 sob o governo de Getúlio Vargas, que constituía um conjunto de noticiários das ações do governo e que eram levados a cadeia nacional todos os dias para a população.

Após o rádio, nenhuma outra ferramenta de comunicação — até o surgimento da internet — tinha causado tamanho impacto na sociedade como a televisão. Além de fomentar uma nova estética de produção de conteúdo, feita principalmente através da comunicação gestual, do uso extensivo da imagem, dos ângulos e iluminações propiciados, a televisão passou a ser o principal veículo de produção e reprodução de costumes, bem como dos choques com a moral social vigente, gerando com isso diferentes formas de se vestir, de se comunicar e também de recepcionar a notícia. Como argumenta Bourdieu:

os efeitos que o desenvolvimento da televisão produz no campo jornalístico e, através dele, em todos os outros campos da produção cultural, são incomparavelmente mais importantes, em sua intensidade e amplitude, que aqueles que o surgimento da literatura industrial, com a grande imprensa e o folhetim, provocara, suscitando entre os escritores as reações de indignação ou de revolta das quais saíram, segundo Raymond Williams, as definições modernas de cultura (Bourdieu, 1997, p. 102).

Se para Pierre Bourdieu a televisão representava algo maior e mais profundo diante do impacto causado no campo jornalístico e sua mútua congruência com a produção cultural, imagina-se a avaliação que faria, hoje, do protagonismo crescente da internet. A visão do surgimento e aprimoramento das redes sociais digitais, dos

² O livro — “Guerra dos Mundos”. Posteriormente também em longa metragem tendo como enredo a mesma trama do livro. O episódio que gerou pânico foi ao ar como um episódio de halloween pela rádio Columbia Broadcasting System em 30 de outubro de 1938.

deslocamentos estéticos mais frenéticos, e da vigilância e ingerência cada vez maior de cada aspecto da vida pública e, principalmente, privada.

Enquanto a frase que define a era do rádio como instrumento dominante de comunicação política pode ser encontrada em Joseph Goebbels, onde este supostamente afirmara que *uma mentira repetida mil vezes tornar-se verdade*, na era da televisão consta o subentendimento confuciano de que *uma imagem vale mais que mil palavras*. Morris (2004), usa o exemplo do Democrata John F. Kennedy e sua vitória sobre o Republicano Richard Nixon em 1960 para argumentar que novos atributos estavam sendo priorizados pela nova ferramenta de comunicação política. Enquanto Nixon via a televisão como uma extensão do rádio, Kennedy soube capturar a essência de que com a nova ferramenta a imagem constituía o apelo central com seu interlocutor. No debate de 1960, aparece um Nixon com todo o seu corpo transparecendo nervosismo e insegurança enquanto Kennedy aparece com gestos e falas bem pausados, transmitindo ao interlocutor serenidade, segurança e preparo para o cargo.

Dos instrumentos e técnicas de comunicação surgidas desde a revolução dos tipos com a imprensa escrita, onde fez surgir uma nova e poderosa classe, os jornalistas, passando pela introdução nas sociedades do uso do rádio e pela televisão com seu acentuado recurso estilístico, hoje outra ferramenta tem impactado a forma como os fatos (ou supostos fatos) são comunicados e compartilhados entre as pessoas. A revolução informacional, com o advento da internet e sua cada vez mais ampla penetração no tecido social, tem feito com que mídias antes conhecidas como poderosos instrumentos de comunicação sucumbissem aos poucos a lógica da comunicação online. Os meios tradicionais de comunicação — imprensa escrita, rádio e televisão — estão sendo forçados a alterar suas linguagens diante do protagonismo das redes sociais digitais.

3 A NOVA ARENA DE COMBATE

Se a comunicação está em plena transformação, uma nova forma de estabelecer o processamento da informação acaba por provocar um rearranjo da influência das

diferentes mídias, quais passam a ter maior expressão e quais entram em declínio. Na modelagem fornecida pelas redes sociais digitais o pós-verdade surgiu como referência a situações e contextos nos quais os fatos objetivos deixam de ter importância em detrimento dos apelos emocionais e das crenças das pessoas (Keyes, 2004). Embora nem sempre ocorra uma mentira deliberada na realidade de pós-verdade, uma das características importantes desse modelo de comunicação é que os fatos objetivos podem ser distorcidos, manipulados ou simplesmente ignorados em favor de uma estratégia de comunicação para uma narrativa de um determinado grupo político ou social.

Jenkins (2009), que analisa este momento de mudança, afirma que se caminha para uma convergência total da comunicação. Convergência que tem sido forçada pelas novas mídias ao provocar uma queda de braço que faz ceder os meios tradicionais de comunicação como o jornal impresso, o rádio e a televisão. Para o autor, a cultura que está sendo formada agora é a da convergência total, com a comunicação online tomando a dianteira nesse processo e fazendo gravitar ao seu redor diversas outras esferas informativas da vida social.

O movimento observado, no entanto, não é apenas o da convergência da comunicação tradicional para diferentes plataformas online. Ocorre também uma alteração importante na natureza da linguagem e, principalmente na modelagem do pensamento. Gigantes da internet como o Google, Microsoft, Apple e redes sociais como o Facebook, Tik Tok, Youtube, Twitter e Instagram possuem sua própria linguagem que, além de fazer convergir diferentes tipos de conteúdo para suas plataformas, passam a fomentar o engajamento entre os seus usuários de maneira cada vez mais intensa.

Barack Obama, do partido dos Democratas, foi bem sucedido no Facebook em sua campanha à presidência dos Estados Unidos em 2008, já Donald Trump, dos Republicanos, conseguiu capturar o espírito da comunicação do Twitter em 2016, enquanto Jair Bolsonaro no Brasil fez amplo uso da ferramenta do WhatsApp em 2018 e do Telegram em 2022³.

³ O processo de assimilação de uma nova tecnologia para comunicação política é antiga. Marco Túlio Cícero tinha o dom da oratória, Franklin Delano Roosevelt e Carlos Lacerda sabiam usar o Rádio, John F. Kennedy soube que a

Carr (2008) argumenta que a internet vem fornecendo uma modelagem totalmente nova para o pensamento. Porém, como argumenta, esta nova modelagem limita e até mesmo aniquila capacidades antes presentes no processo cognitivo de aprendizagem, como a concentração e a contemplação. A eficiência e o imediatismo aparecem como características dessa nova fase da comunicação online. Para o autor, à medida que as mentes das pessoas codificam-se para a linguagem online, as mídias tradicionais são forçadas a se adaptar, “old media have little choice but to play by the new-media rules” (Carr, 2008).

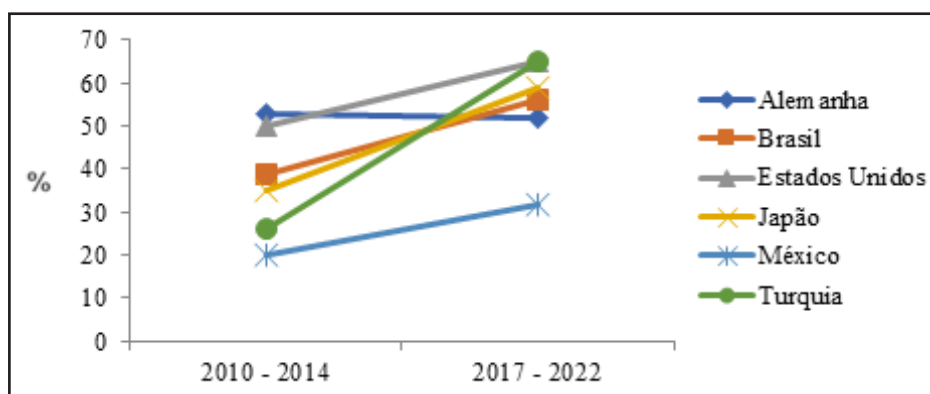
Outras características despontadas dessa nova forma de comunicação, segundo Carr (2018), é a sua impulsividade, efemeridade, a falta de filtros, sua visceralidade e verborragização. Argumenta que as redes apenas reforçam o efeito polarizador que os meios de comunicação tradicionais como as transmissões de rádio e TV a cabo vinham realizando. Autoridade e respeito passam a ter menos amplitude em plataformas feitas para serem motores de atividade do verbo, “The more visceral the message, the more quickly it circulates and the longer it holds the darting public eye” (Carr, 2015).

À medida que diferentes tipos de autoridade declinam nestas plataformas, elas não deixam de espelhar os traços de uma sociedade em plena desestruturação, onde o flexível, o precário, o instável e o efêmero assumem mais espaço diante da fluidez social cada vez mais constante (Bourdieu, 1998; Bauman, 2001; Sennett, 2003; Lipovetsky, 2004). Se em uma observação macrossocial são estas as características anteriormente listadas que aparecem, no nível individual as novas ferramentas vêm carregadas com uma suposta liberdade de expressão, de afirmação de identidades e de trajetórias na autodeterminação. Indivíduos cada vez mais conectados vivendo em sociedades que se digitalizam rapidamente encaminham não apenas uma maneira diferente de se relacionar, mas também de perceber e agir sobre o funcionamento de todo o sistema social, econômico e político.

imagem na televisão constituía um fator primordial.

Dados das ondas 2010 – 2014 e 2017 – 2020 da Pesquisa Mundial de Valores (WVS)⁴, e acionados no gráfico 1 abaixo, mostram que a internet vem crescendo como fonte diária de informação. Dos países analisados, o aumento mais expressivo se deu na Turquia, de 26% para 65%. Japão e Brasil seguem com aumentos expressivos também, o primeiro de 35% para 59%, enquanto o segundo salta de 39% para 56%. Crescimentos não menos importantes foram de México e Estados Unidos, 20% para 32% e 50% para 65%, respectivamente. O caso da Alemanha parece estabilizado, apenas oscilando de 53% a 52%.

Gráfico 1 – Internet como fonte de informação (diariamente)



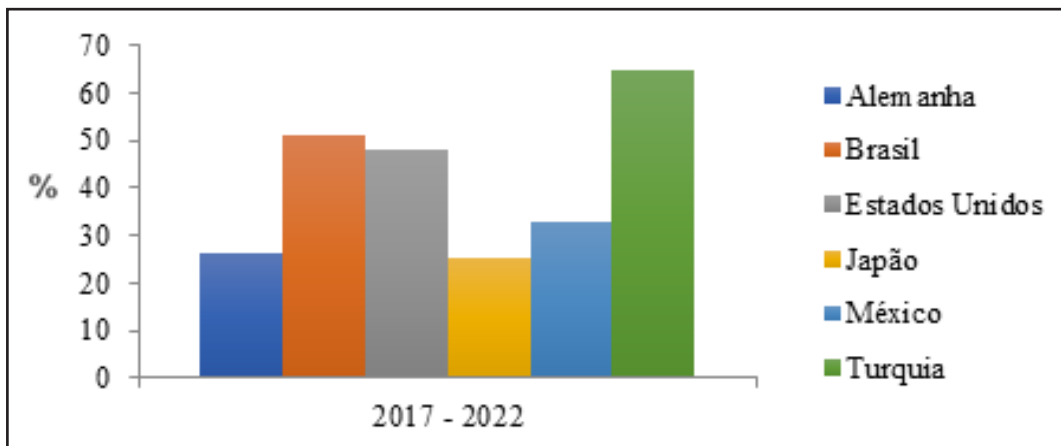
Fonte: world Values Survey. Para este gráfico desconsideramos as respostas “semanalmente”, “mensalmente” e outras

O gráfico 2 abaixo examina, de forma transversal, o uso das redes sociais como fontes diárias de informações pela população. A Turquia lidera com 65% das pessoas fazendo destas ferramentas instrumentos para se informar diariamente. O Brasil vem logo atrás, com 51% da população, seguida de Estados Unidos (48%), México (33%), Alemanha (26%) e Japão (25%).

Gráfico 2 – Redes sociais como fonte de informação – diariamente (Facebook, Twitter

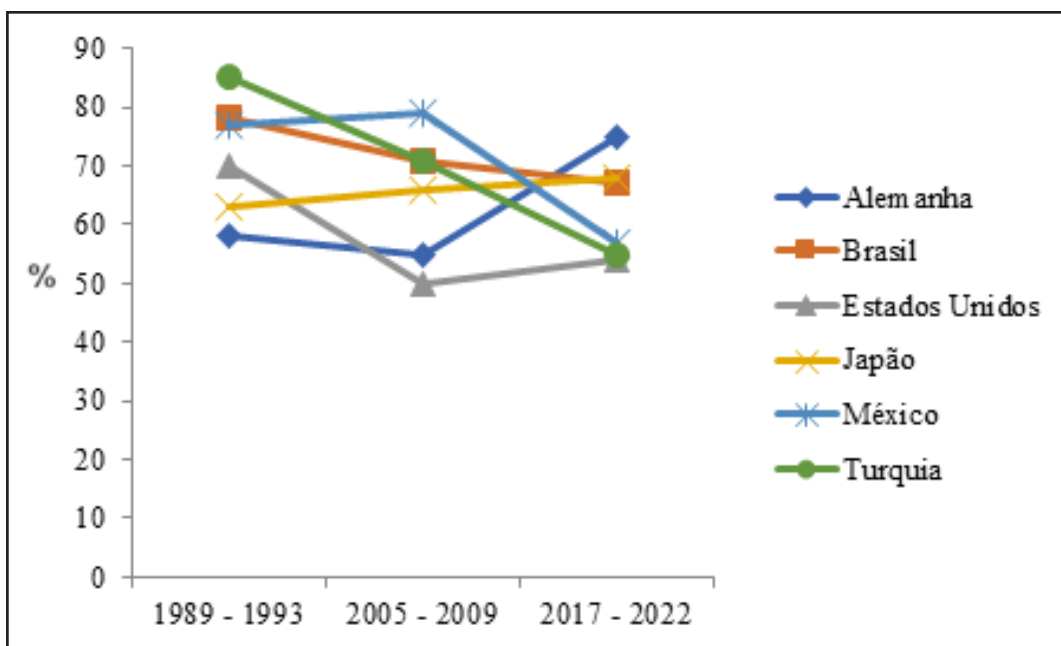
⁴ A Pesquisa Mundial de Valores (World Values Survey – WVS) é uma investigação feita através de pesquisas *surveys*, representantes de amostras elaboradas para cada país pesquisado, realizada por uma rede global de cientistas sociais que estudam a mudança nos valores e seus impactos na vida social, política e econômica dos países. Foi iniciada na década de oitenta e hoje cobre mais de 90% da população mundial. Seus dados estão disponíveis no endereço: <http://www.worldvaluessurvey.org/wvs.jsp>.

e outras)



Fonte: world Values Survey. Para este gráfico desconsideramos respostas como: "semanalmente", "mensalmente" e outras

Gráfico 3 – Percepção sobre a ênfase na tecnologia ser uma "coisa boa"



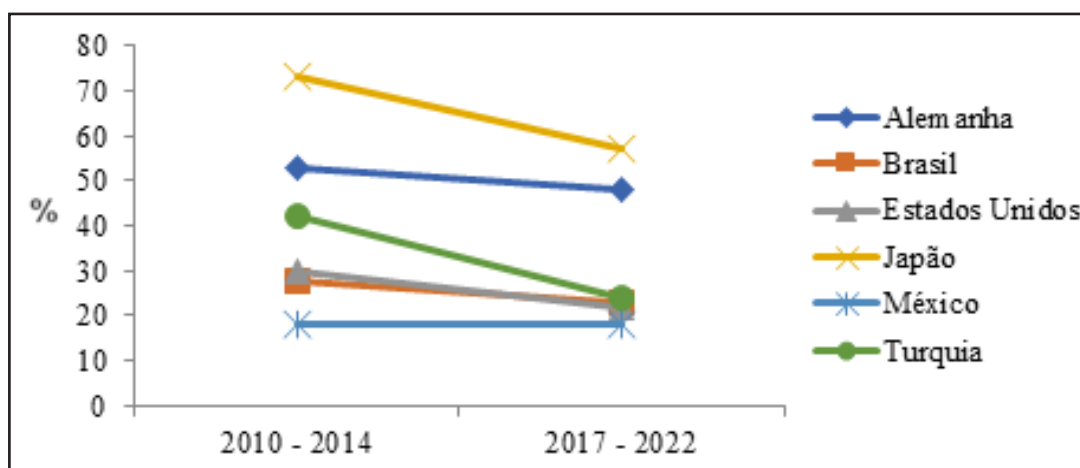
Fonte: world Values Survey. Para este gráfico desconsideramos duas outras respostas: "não se interessa" e "seria uma coisa ruim"

Todavia, quando se analisa a percepção da população destes países de que mais ênfase na tecnologia pode ser uma "coisa boa", os dados longitudinais acionados no gráfico 3 mostram uma redução majoritária. A queda mais expressiva veio da Turquia, onde 85% das pessoas que acreditavam que mais ênfase na tecnologia seria uma "coisa

boa” declinou para 55% entre primeira e última sondagem apresentada, uma queda de 30%. México apresenta uma queda de 20%, seguido de Estados Unidos, com 16% e Brasil, com 11%. Alemanha e Japão apresentam crescimento entre a população na percepção de que mais ênfase na tecnologia pode ser uma “coisa boa”, com o primeiro subindo 17% e o segundo 5% entre a primeira e a última onda apresentada, respectivamente.

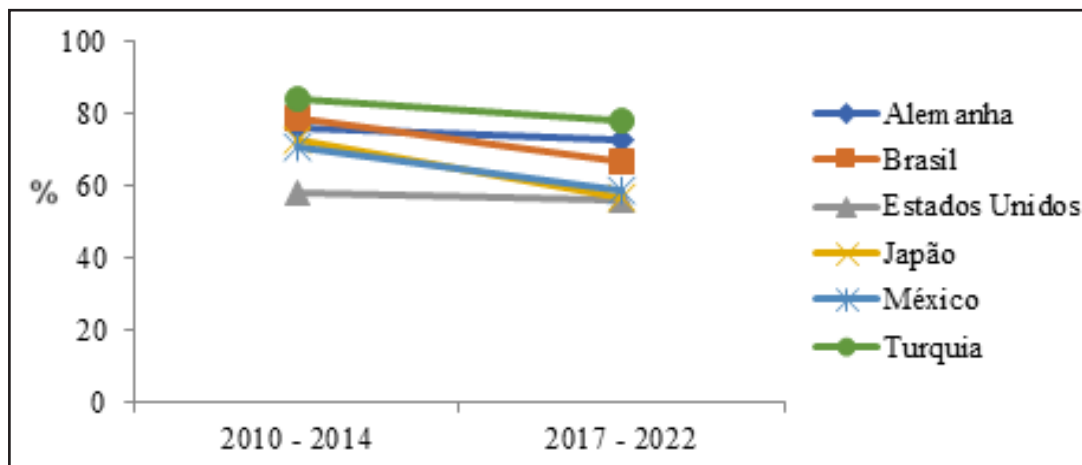
Os gráficos 4, 5 e 6 na sequência abaixo trazem uma queda contínua dos meios de comunicação tradicionais como o jornal diário (impresso), o jornal televisivo e o jornal radiofônico. A única informação que destoia dessa tendência é a fonte de informação diária pelo rádio entre os alemães, que tem uma oscilação positiva de 62% na primeira onda para 64% na segunda onda analisadas. As quedas mais acentuadas referem-se ao jornal impresso como fonte de informação diária nos países Turquia e Japão, que caem 18% e 16%, respectivamente, ou seja, de 42% para 24% no primeiro caso, e de 73% para 57% no segundo.

Gráfico 4 – Fonte de Informação – Jornal Diário (diariamente)



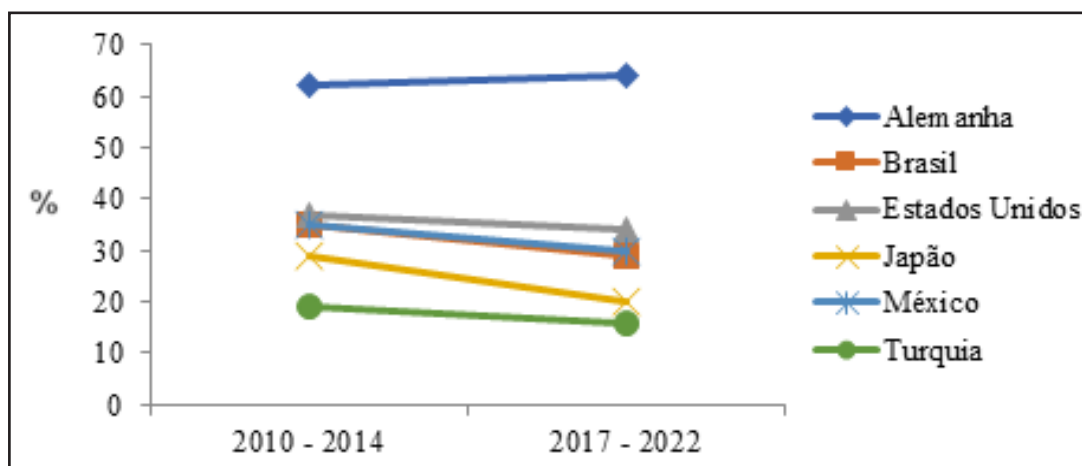
Fonte: world Values Survey. Para este gráfico desconsideramos respostas como: “semanalmente”, “mensalmente” e outras

Gráfico 5 – Fonte de Informação – Televisão (diariamente)



Fonte: world Values Survey. Para este gráfico desconsideramos respostas como: “semanalmente”, “mensalmente” e outras

Gráfico 6 – Fonte de informação – Rádio (diariamente)



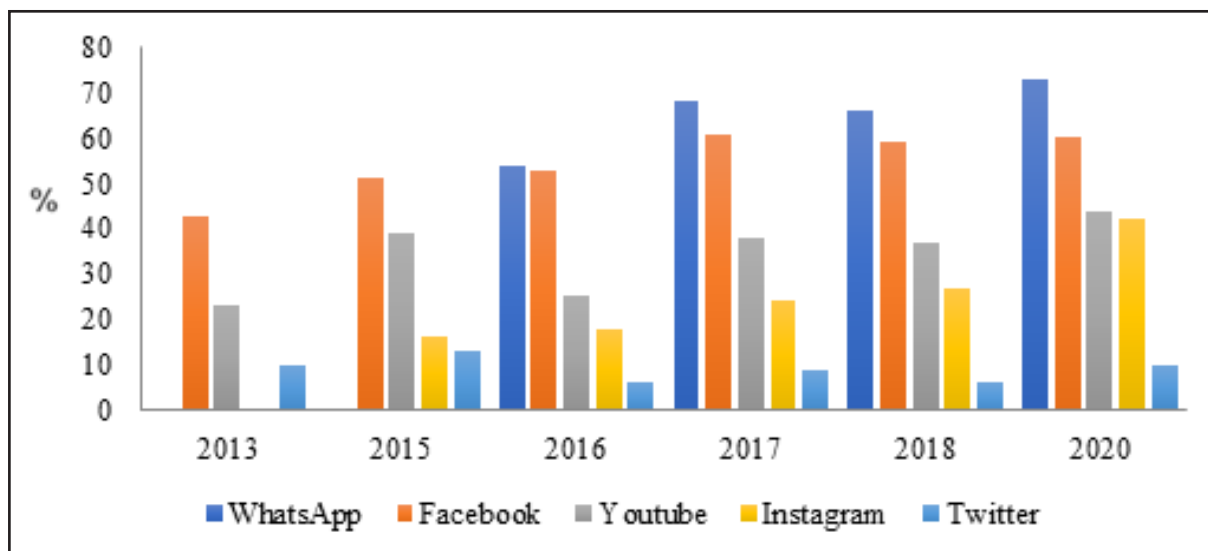
Fonte: world Values Survey. Para este gráfico desconsideramos respostas como: “semanalmente”, “mensalmente” e outras

Em relação ao Brasil, pesquisa do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE)⁵ de 2017 mostrou que 69,9% da população com idade acima de 10 anos possuem acesso à internet no país. O celular desponta como o aparelho pelo qual as pessoas mais navegam 97%, seguido de computadores 56,6%, televisores 16,3% e tablets 14,3%.

⁵ Pesquisa disponível em: https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101631_informativo.pdf. Acesso em: 10 de mar. 2023.

O gráfico 7 com dados de séries temporais do Latinobarômetro⁶ de 2013 a 2020 mostra a evolução do acesso às redes sociais entre os brasileiros.

Gráfico 7 – Redes sociais mais acessadas pelos brasileiros



Fonte: Latinobarômetro

O uso do Facebook cresceu de 43% em 2013 para 51% em 2015, depois subiu novamente para 53% em 2016, alcançando 61% em 2017, oscilando depois para 59% em 2018 e 60% em 2020. Entre 2013 e 2015, o Facebook manteve entre os brasileiros a predominância nas redes sociais. Já o Youtube cresceu de 22% em 2013 para 39% em 2015, declinou para 25% em 2016, e em 2018 oscilou para 37%, após ter obtido o pico em 2017 com 38%, em 2020 alcança 44%. O WhatsApp, que tem sua série medida a partir de 2016 onde apresentou 54%, após sua compra pelo Facebook despontou como uma das redes sociais mais usadas pelos brasileiros, 68% em 2017, oscilou para 66% em 2018 e em 2020 foi para 73%. WhatsApp e Facebook aparecem como as redes sociais mais usadas pelos brasileiros em 2020 (73% e 60%, respectivamente), tendo na sequência o Youtube com 44%, Instagram 42% e Twitter 10%.

⁶ O Consórcio Latinobarômetro é uma instituição com sede em Santiago no Chile que investiga, através de pesquisas anuais, o desenvolvimento da democracia em países latino-americanos em relação a atitudes, comportamentos e opinião da população. Seus dados podem ser acessados pelo endereço: <http://www.latinobarometro.org/lat.jsp>.

O crescente protagonismo das redes sociais digitais é uma realidade que, para o bem ou para o mal, faz delas instrumentos eficazes de comunicação política com poder de balancear, equilibrar ou até mesmo comandar o jogo político para além dos veículos tradicionais. Novos problemas aparecem com a inserção das novas mídias na sociedade: formato de negócio, coleta intensiva de dados, monitores de comportamento e estimuladores de engajamento, desmoronamento da autoridade e a criação de bolhas de informação são apenas alguns deles. Uma vez que a democracia requer cidadãos bem informados para processarem suas decisões, manterem ou não o apoio ao sistema, a maneira e os instrumentos pelos quais a informação política circula são de fundamental importância, pois passam a projetar também tipos ou maneiras diferentes de composição do conflito político.

4 DEMOCRACIA E A COMUNICAÇÃO POLÍTICA DO POPULISMO RADICAL

A relação entre comunicação e democracia é de indissociabilidade. Para que a democracia exista é preciso que haja cidadãos bem informados, com diferentes fontes de informação que vá além da veiculada pelo Estado. Esta é uma das características básicas de uma “poliarquia”, argumenta Dahl (2012), todavia, ainda segundo o autor, é preciso que haja eleições idôneas e regulares, com competição eleitoral entre as elites políticas e amplo sufrágio, além da liberdade de expressão, de elegibilidade, e de poder exprimir preferências por meio da participação em associações e organizações sociais e políticas (Dahl, 2016).

A garantia do direito a fontes alternativas de informação não promove *per se*, porém, a existência de um ambiente no qual as informações circulem de forma responsiva. A busca de um consenso “poliárquico” a partir de cidadãos bem informados parece ser hoje um desafio crescente para a maioria das democracias contemporâneas. Se a preocupação anteriormente se voltava para a intensa concentração da informação circulando apenas por grupos poderosos de comunicação tradicionais, hoje ela

também se move para outras questões. O protagonismo cada vez maior das redes sociais digitais, a convergência que elas vêm forçando, seus modelos de negócios, seus crescentes controles e vigilâncias via sofisticados algoritmos, aponta para a ênfase de que outras distorções importantes estejam ocorrendo no processo de comunicação nas democracias contemporâneas.

Deibert (2020), argumenta que há quatro importantes “verdades desconfortáveis” em relação às mídias sociais e sua interação com a política: (1) a primeira delas é a de que o formato de negócio que as envolvem é construído em torno da vigilância constante de dados pessoais; (2) a segunda é que as pessoas consentem com esse modelo; (3) a terceira é a de que os algoritmos envolvidos nesse processo impulsionam práticas autoritárias, promovendo à confusão, a precariedade, a ignorância, o preconceito, o caos; (4) e a quarta é que esse ecossistema de comunicação digital está provocando enormes danos ambientais. Esse capitalismo de vigilância dos dados para o direcionamento de marketing individualizado como forma de lucratividade tem se mostrado um perigo, pois podem ajudar a promover o impulsionamento de lideranças e movimentos com caráter populistas, autoritários, e xenófobos. Exemplos dos caminhos perigosos podem ser encontrados nos casos de compra de dados por parte da Cambridge Analytica⁷ e sua ação nas campanhas à presidência dos Estados Unidos e na campanha do Brexit pela saída do Reino Unido da União Europeia, ou ainda na compra de pacotes de disparos em massa de mensagens pelo WhatsApp⁸ feita por empresários para a campanha à Presidência da República de 2018 no Brasil.

De acordo com Deibert, a suposição de que a tecnologia seria uma grande aliada da democracia e da livre expressão cai por terra quando analisamos o papel

⁷ Em 2018 estourou o escândalo de que a empresa Cambridge Analytica havia comprado os dados de mais de 50 milhões de usuários da plataforma Facebook supostamente para fins acadêmicos. Pelo menos 87 milhões de pessoas tiveram seus dados violados em 10 países. No Brasil mais de 400 mil usuários tiveram seus dados pessoais usados sem consentimento. O presidente da companhia Mark Zuckerberg foi convocado a prestar esclarecimentos no Congresso norte americano em 2018.

⁸ O empresário Luciano Hang, entre outros, estavam no centro dessa operação, que mais tarde teve ações no Tribunal Superior Eleitoral (TSE) julgadas improcedentes.

desempenhado pelas mídias sociais nas democracias contemporâneas. A diluição do consenso poliárquico e a promoção da polarização extremada aparecem como consequências do uso intenso destas novas ferramentas. Como afirma,

the world of social media is more conducive to extreme types, emotionally charged, and content-sharing than to calm, competing principles and considerations or complex narratives. The deliberate rational search for consensus and the pursuit of truth are losing. The cacophony of opinions and the flow of information in social media is degrading public discourse. Faced with the overload of information, consumers resort to cognitive shortcuts that tend to direct them toward opinions that fit what they already believe. At the same time, social media algorithms themselves guide users to the online 'filter bubbles' in which they feel comfortable and ideologically aligned (Deibert, 2019, p. 33).

A análise de Lynch (2015) se concentra sobre os impactos das redes sociais sobre Primavera Árabe, onde havia a expectativa de certo sucesso nas transições para a democracia naqueles países. Marc Lynch argumenta que a mídia árabe, de um modo geral, desempenhou um papel destrutivo nas transições pela captura do espaço político, pela difusão da propaganda do medo e pela extrema polarização que provocou. Para o autor, muitos esperavam que plataformas como Facebook, Twitter e outras trouxessem uma vazão para as aspirações e demandas sociais que os meios de comunicação tradicionais não foram capazes de realizar, mas o ocorrido foi exatamente o oposto, elas serviram para reforçar e não para contrabalancear os efeitos negativos que já vinham sendo transmitidos.

Apesar de Lynch se concentrar apenas nas transições árabes, ele não está sozinho nas análises que salientam os perigos das redes sociais digitais para a democracia. Castells (2018) reforça que a comunicação negativa, principalmente a da política são muito mais eficazes em sua influência que as mensagens positivas, e isso ocorre porque, segundo o autor, a política é fundamentalmente emocional, e sendo assim, mensagens de identificação e quebra de confiança ou de normas agem retendo maior apelo. Esta é uma das razões pela qual os escândalos políticos tomam amplo espaço dos veículos de comunicação, pois de acordo com a teoria social do escândalo

de John B. Thompson, eles “são lutas pelo poder simbólico em que a reputação e a confiança estão em jogo” (Thompson, 2002, p. 296).

Como tem ocorrido com todas as democracias, no Brasil as redes sociais digitais vêm assumindo um protagonismo cada vez maior no cenário político. Na campanha à Presidência da República em 2018, uma forte onda de notícias falsas ganhou vazão por estas novas mídias. Instagram, Twitter, Facebook, mas principalmente o WhatsApp⁹, se tornaram instrumentos poderosos de uma campanha massiva de desinformação política. Uma verdadeira “máquina de desinformação” e propagação de *fake news*, operada para destruir carreiras, perseguir professores, cientistas e jornalistas, ameaçar adversários políticos e agir na divisão por meio da polarização social. Esta forma de combate político da cartilha bannista¹⁰ tem sido o principal caminho tomado pela direita radical, desde Marie Le Pen na França, Boris Johnson no Reino Unido, Geert Wilders e Thierry Baudet na Holanda, Matteo Salvini na Itália, Donald Trump nos Estados Unidos, e Jair Bolsonaro no Brasil.

As redes sociais digitais não apenas canalizam insatisfações, aspirações e demandas de sociedades complexas, e em plena transformação, como também potencializam comportamentos vaidosos, impulsivos, desordenados, raivosos, provocadores e polarizadores que quebram a hierarquia da autoridade legítima de poderes de Estado, e acabam por corroer o consenso democrático. Comportamentos de indivíduos presos às “bolhas” de informações podem ser entendidos como reflexos do efeito perverso que as redes sociais promovem por meio de algoritmos sofisticados em uma busca desenfreada por engajamento para capturar dados e modelar pensamentos e ações. Nunca antes a ideia orwelliana¹¹ de ampla e constante vigilância esteve tão presente na prática.

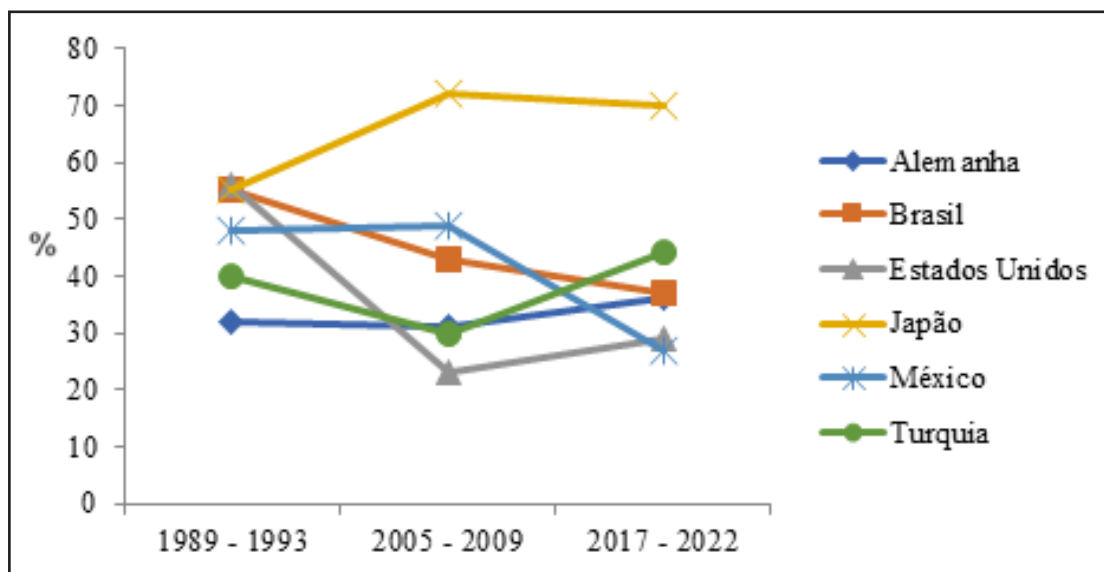
⁹ Diversos foram os momentos em que esta tática foi usada antes, durante e depois do processo eleitoral de 2018. Mensagens relativas a um suposto “kit gay”, “mamadeiras de piroca” e principalmente a informação de que as urnas poderiam ser violadas durante o dia de votação do primeiro turno. Esta última, aliás, uma crença lançada frequentemente entre seus apoiadores, a exemplo do que foi feito por Donald Trump nos Estados Unidos para desacreditar a eleição norte-americana.

¹⁰ Steve Bannon é um dos principais formuladores da plataforma do populismo da direita internacional na contemporaneidade.

¹¹ A Ideia do Big Brother, presente no livro 1984 de George Orwell (Cia das Letras, 2019), o grande irmão que “tudo vê”, hoje está continuamente presente através do controle absoluto dos rastros que são deixados toda vez que se navega.

As redes sociais digitais promovem um tipo de comunicação política que corrói o consenso via institucional da democracia representativa. Ao facilitar a queda da autoridade, provocando um declínio da legitimidade por meio da contínua redução do apoio popular ao sistema político como um todo, as redes sociais vêm contribuindo para acelerar a crise que as democracias liberais vêm enfrentando. Se as redes sociais digitais não podem ser causa da perda de confiança nas instituições, na ascensão de movimentos antissistemas, e do crescimento de nacionalismos extremados, elas, no entanto, fazem parte desse processo. O gráfico 8 abaixo traz dados longitudinais referente a confiança dos cidadãos entre os países selecionados na imprensa.

O gráfico 8 – Confiança na imprensa



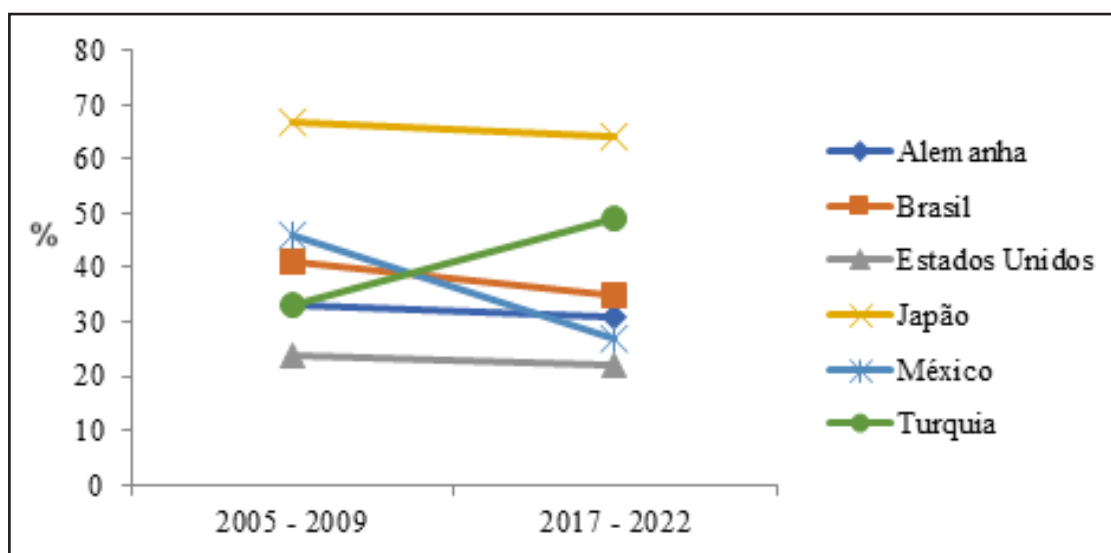
Fonte: world Values Survey: soma das respostas "tem muita confiança" com "tem confiança"

Estados Unidos, México e Brasil apresentam as maiores quedas nos índices de confiança na imprensa quando se compara a primeira onda com a última do gráfico. Estados Unidos, por exemplo, apresentava em 1989 – 1993, 56% de confiança, cai para o nível mais baixo (23%) na onda 2005 – 2009, e depois tem um aumento para 29% na onda 2017 – 2020. México apresenta na primeira onda apresentada 48%, depois oscila para 29% na onda 2005 – 2009, e depois cai para 27% na última onda. O Brasil é o único caso de declínio constante, tem 55% de confiança na primeira onda, cai para

43% na segunda onda do gráfico e depois para 37% na onda 2017 – 2020. Turquia cai 10% da primeira onda para a segunda (40% para 30%) e depois se recupera e sobe para 44% de confiança na última onda. Alemanha e Japão são casos que mostram crescimentos. Com o primeiro oscilando de 32% para 31% entre primeira e segunda onda e depois subindo para 36% na última, e o segundo subindo de 55% para 72% na segunda onda e oscilando para 70% na última.

O gráfico 9 em seguida traz dados de duas ondas (2005 – 2009 e 2017 – 2020) referente a confiança dos cidadãos na televisão. Todos os países apresentam quedas, a exceção de Turquia que apresenta um crescimento de 16%, subindo de 33% para 49%. Alemanha, Estados Unidos e Japão apresentam oscilações negativas de 2 pontos percentuais no caso dos dois primeiros e de 3 pontos no caso do terceiro. México e Brasil são os países que apresentam maiores quedas. México foi o país onde a queda foi acentuada (19%), caindo de 46% para 27% entre primeira e a última onda. O Brasil caiu de 41% na onda 2005 – 2009 para 35% na onda 2017 – 2020.

Gráfico 9 – Confiança na televisão



Fonte: world Values Survey: soma das respostas “tem muita confiança” com “tem confiança”

De uma maneira geral, a confiança nos meios de comunicação tradicionais vem caindo ao longo do tempo. Pippa Norris (1999, 2011) argumentou que esse declínio

devia-se ao fato de que os cidadãos — principalmente os que se encontrassem nas sociedades industriais mais avançadas — estavam se tornando mais críticos em relação às instituições sociais e políticas em razão da mudança de valores materialistas para pós-materialistas. Ela faz um “louvor” ao ceticismo, dizendo que pouca confiança pode até ser prejudicial para o sistema e beneficiar o populismo autoritário como tem ocorrido atualmente, mas confiança demais também pode ser perigosa muito em razão da vigilância constante a que o poder deve se submeter para agir de maneira mais responsiva (Norris, 2022).

Ao passo em que a confiança nos meios de comunicação tradicionais declina e estes cedem espaço para as redes sociais digitais numa transferência de protagonismo, diferentes formas de populismo tem conseguido instrumentalizar estas novas ferramentas para a captura de sentimentos difusos (nacionalismo, xenofobismo, anticientificismo, entre outros), fazendo-os convergir na adesão a narrativas antissistemas que atuam deslegitimando as instituições, o regime, enfim, todo o sistema proposto pelo modelo liberal de democracia. Esse foi o caso de Donald Trump, nos Estados Unidos que, segundo Morais *et al* (2020, p. 144), deixou um legado de legitimação de setores extremistas de uma sociedade muito dividida e com alta desconfiança do processo eleitoral do país. A divisão via polarização social que o populismo autoritário procura instrumentalizar se valendo para isso das redes sociais digitais, todavia, constitui apenas uma das faces da crise da democracia, com causas encontradas em raízes muito mais profundas.

5 E O FUTURO DA DEMOCRACIA [LIBERAL]?

Não se pode considerar a ascensão das redes sociais digitais como causa para a crise que a democracia liberal vem enfrentando nos últimos anos. Tal protagonismo responde apenas por parte desse desconforto provocado por sucessivos retrocessos democráticos. As redes sociais digitais vêm canalizando sentimento de crescente insatisfação popular com o desempenho da democracia e são instrumentalizadas a

partir de um novo modo de estabelecer o conflito político. O populismo autoritário posiciona o conflito de maneira antagônica a fim de radicalizar a identificação de seu grupo político (Mendonça, 2012), ranqueiam inimigos e execram adversários, perseguem constantemente jornalistas e faz ataques sistemáticos a veículos de imprensa, além de fomentar grupos antissistemas, que pedem o fechamento de Parlamentos e Tribunais Constitucionais, ou seja, traz na manga a cartilha do que Levitsky e Ziblatt (2018) chamam de “jogo duro institucional”.

As causas do apoio crescente a partidos e lideranças populistas autoritárias são mais complexas, onde, todavia, se pode destacar duas: (1) crescimento econômico e desenvolvimento social desigual, e (2) complexificação social sem a devida sofisticação do Estado para resolução de tarefas cada vez mais desafiadoras. Norris e Inglehart (2017, 2019) denominam o contexto atual pelo qual grande parte dos regimes democráticos vem enfrentado de “backlash”, ou seja, uma reação cultural provocada pela crescente desigualdade econômica e social que estes países vêm apresentando ao longo das últimas décadas. Nesse sentido, a crescente desigualdade provocaria insegurança existencial, com o medo e a ansiedade sendo seus sintomas mais comuns. Sentimentos que por fim acabam municiando lideranças com pautas programáticas nacionalistas, anti-imigração, xenofóbicas, anti-integração, entre outras.

O outro ponto é a crescente incapacidade do Estado contemporâneo de assumir o papel central na resolução de problemas que se tornam cada vez mais complexos (Markoff, 2013; Tilly, 2013; Foa, 2021). Este não é um ponto novo nas preocupações sobre as funções do Estado diante do desenvolvimento econômico e social que, desde o relatório da Comissão Trilateral¹², se questionava quanto ao suficiente aprimoramento da capacidade estatal para tal tarefa. Aspirações e demandas sociais crescentes aliadas a problemas cada vez mais complexos

¹² A Comissão Trilateral de 1973 foi um fórum de discussão fundado por David Rockefeller e era formado por integrantes representantes do Japão, Europa Ocidental e América do Norte. Seu objetivo era estimular diálogos políticos e econômicos para gerar diagnósticos que ajudassem na cooperação destes países. O livro resultante do relatório pode ser acessado em: <https://archive.org/details/TheCrisisOfDemocracy-TrilateralCommission-1975/page/n0>.

como integração-imigração, nacionalismo-xenofobismo, participação direta-representativa são exemplos de tarefas que requerem uma sinergia e vêm desafiando os estados burocráticos mais engessados.

Problemas dos mais simples aos mais complexos — desde as preocupações com o buraco e saneamento da rua, a creche para o bairro, a expectativa da vinda de uma empresa e a geração de emprego para a cidade, até a decisão tomada pela política monetária no controle da inflação, a reforma educacional ou a agenda de vacinação diante da geopolítica dos laboratórios, — hoje estão expostos e muitas vezes sendo discutidos instantaneamente na palma da mão ao acesso de um smartphone. Mas não apenas isso, a apropriação dos fatos ligados a tais problemas, e a discursividade gerada a partir da sua relativização e manipulação feita, principalmente, por meio das redes sociais digitais por grupos políticos antes marginalizados dos canais “oficiais” de comunicação, eclodiu uma forma diferente de estabelecer o conflito político.

A linguagem é inerente ao ser humano. A evolução da comunicação atesta o inventário de que aqueles que se adaptam as novas ferramentas sobrevivem, enquanto que os que apresentam resistência, ou encontram dificuldades ou padecem. Embora não possa ser a causa, a atual crise do modelo liberal de democracia apresenta íntima ligação com a ascensão das novas mídias e o protagonismo crescente das redes sociais digitais. Elas dão vazão a uma maior amplitude de sentimentos ao engajar um número cada vez maior de pessoas às suas causas (sejam elas particulares, comunitárias, políticas ou econômicas). Se, como argumentou LeFort (1987) e Hermet (1997), a democracia liberal acabou por limitar o acesso do cidadão comum às arenas reais de tomadas de decisão, as redes sociais digitais passaram a transmitir ao menos uma suposta sensação de que ele pode intervir ativamente em tais assuntos, — o que de fato ainda está longe de ser verdade.

Como há algum tempo destacou Dahl (1970), as pessoas comuns não se interessam por política, pelo menos não a todo o momento e senão quando provocadas. A maioria das pessoas está ocupada com o dia a dia de suas vidas particulares, de

suas famílias e amigos próximos. O que não quer dizer que tais pessoas apresentem um estado de alienação política, apenas que pensam em gastar seu escasso tempo disponível para atividades que julgam mais importantes. Como já constatou (Converse, 1964), estas pessoas não são refinadamente ideológicas, nem possuem um sistema de crenças e preferências totalmente estruturadas, ou seja, quando voltam sua atenção para a política, de tempos em tempos, são atraídas por ferramentas de comunicação que trazem o maior conjunto de informações que julgam necessárias para a tomada de decisões, como votar em um candidato e não em outro, apoiar determinadas políticas econômicas e sociais, retirar ou adicionar confiança a um líder, partido ou governo.

As novas mídias sociais se constituem em poderosas ferramentas que trazem na palma da mão um conjunto de informação na qual ele (cidadão) tende a se engajar ou não. Tal oferta “gratuita”, no entanto dissipa a capacidade de ponderação do contraditório uma vez que são constituídas — com o auxílio dos algoritmos — para serem visualizadas em categorias binárias: esquerda x direita, pró-imigração x anti-imigração, nacionalistas x globalistas. Tudo passa a ser codificado para que a linguagem apresente categorias binárias e facilitem a adesão acrítica. É justamente a partir dessa nova forma de estruturar o conflito político que o quadro do consenso “poliárquico” se deteriora. A crise dos anos 20 e 30 do século XX fizeram do rádio um instrumento poderoso para a disseminação dos ideais fascistas e nazistas, além de abrirem o caminho da legitimidade de muitas outras ditaduras, como a do Estado Novo no Brasil. A comunicação política da era pós-verdade abre janela similar ao estimular a polarização extremada como forma de conflito, se valendo para isso das tensões sociais abertas pela deterioração econômica e do deslocamento cultural, principalmente o da identidade, um componente social que se complexificou muito nas últimas décadas.

O crescente protagonismo das novas mídias contribui, portanto, para abrir a fenda causada pela crise da representação tradicional na política. Partidos políticos e a representação parlamentar encontram muitas dificuldades de ser a voz

institucionalizada de sociedades cada vez mais complexas, seja pela desintegração da tradicional representação de classes (via econômica), seja pela cultural (identitária). A perda de parte expressiva da capacidade institucional dessas organizações — que são centrais para o modelo liberal de democracia — abre espaço para o divisionismo e a formação de “bolhas” de informação e engajamento que são avultadas pelas redes sociais digitais. Floresce, portanto, nesse meio a estratégia da polarização social constante como arma permanente de conflito político por grupos antes insignificantes e à margem da política competitiva e decisional.

Em tal contexto os fatos passam a ser relativizados e manipulados em favor de narrativas quebradas, mas altamente interessadas. A verdade que vale é aquela que chega rapidamente no WhatsApp do grupo da família, dos amigos ou do trabalho, ou ainda, aquela que vejo publicada e compartilhada na linha do tempo das redes sociais dos amigos, e que ganha proporção à medida que o algoritmo reforça meus interesses por meio do engajamento e interação constante. Diferentes versões de um número variado de fatos são jogadas diariamente nessa espécie de “ágora virtual” por grupos de interesse para engajamento intenso e apoio contínuo. Tal enxurrada de informações (altamente contaminadas) passa a competir com a informação bem apurada, geralmente feita pelo jornalismo tradicional, agora alvo de crescente desconfiança. A ascensão de populismos extremistas tocou, já há algum tempo, a sirene de alerta. Uma democracia bem consolidada depende, entre outros fatores, da informação bem apurada que chega ao cidadão e lhe proporciona escolhas conscientes com a sua realidade individual e social, projetando seus anseios e suas esperanças na representação e na prática da política. Sucintamente, uma democracia de qualidade proporciona informação de qualidade aos seus cidadãos.

Para que a democracia ganhe sobrevida neste século é necessário que as causas reais da crise sejam enfrentadas. A alta insatisfação social com os resultados da democracia tem produzido sentimentos que estão sendo muito bem explorados por aqueles que nunca foram verdadeiramente democráticos. E para isso estão

sabendo utilizar muito bem as ferramentas das redes sociais digitais para fermentar uma cultura de permanente desconfiança nas instituições do regime democrático. Como argumentou Harris (2016) e Fukuyama (2021) é preciso que uma nova ética no uso destas ferramentas ganhe corpo urgentemente. Isso é necessário para que tanto as democracias tradicionais, quanto as jovens, possam oferecer informações mais bem depuradas, e assim sobreviver, amadurecer e consolidar o regime, sem antes perecerem no meio do caminho.

6 CONCLUSÕES

O surgimento e a evolução das ferramentas de comunicação política sempre trouxeram novos desafios ao poder estabelecido, para a competição e as novas formas de representar o conflito político para a sociedade. Os vanguardistas que dominam as técnicas trazidas pelos novos instrumentos de comunicação saem na frente, assim como aqueles que são resistentes à sua adesão, ou ignoram as novas ferramentas, são deixados para trás. O aprofundamento da revolução tecnológica e informacional se valendo extensivamente da inteligência artificial, com sua penetração em todas as esferas da vida, traz consigo um aumento cada vez maior no apelo social por novas e constantes formas de se comunicar. A tarefa de pesquisa sobre estas novas ferramentas e das inúmeras funções que elas veem assumindo no conflito político contemporâneo, constituem desafios cada vez mais complexos.

As novas mídias e redes sociais digitais compõem uma nova arena de combate que “navegam por fora” dos canais institucionais de comunicação, onde o conflito político se torna mais dinâmico, menos vertical e hierárquico, o que altera a lógica pela qual passavam antes as estratégias de disputa pelo poder. O apelo social hoje por diferentes formas de comunicação instantâneas é crescente, como também tem sido a oferta de ferramentas. Estes novos canais passaram a verbalizar diferentes discursos que antes não eram transmitidos pelos veículos tradicionais, mas ao fazer isso passam a formar “bolhas” de transmissão e recepção de informações por meio

de algoritmos altamente sofisticados, e é justamente por aí que a polarização social é reforçada. É uma comunicação pós-narrativa, pois naturaliza a relativização de dados e fatos como instrumento de luta política.

Por trás dessa luta pelo poder, nessa nova forma de estabelecer o conflito político feito através das mídias sociais digitais, há um grande esforço pelo controle total de informações e dados recolhidos através das ações individuais durante o engajamento. Analisar cada rastro deixado, cada sentimento exposto na interação, é uma das chaves centrais daqueles que monitoram e controlam a navegação social digital com o fim de otimizar publicidade, orientar e controlar a exposição de conteúdos. É nessa gigantesca fenda aberta pela ascensão das redes sociais digitais que lideranças populistas têm ganhado espaço, pois encontram ferramentas adequadas para se comunicarem com seu nicho político e eleitoral, utilizando-se da fidelidade que a polarização gerada por estas redes fornecem.

Para a democracia liberal tal mudança tem se tornado algo desafiador, pois as redes sociais digitais esvaziam os canais tradicionais de representação e eliminam aos poucos os caminhos do consensualismo. Se em uma democracia a comunicação depurada é algo central, também não deixa de ser a forma e o conteúdo pela qual ela se dá. Embora não seja causa principal das crises pelas quais as democracias vêm passando, as novas formas de conflito político trazido com o crescente protagonismo das redes sociais digitais aceleraram o declínio da confiança das pessoas nas instituições do sistema político como um todo, o que acarretou conseqüentemente no recuo da legitimidade.

É preciso que as democracias voltem a dar respostas eficazes para os dilemas sociais contemporâneos através do fortalecimento da capacidade de seus Estados. Diferentes sociedades podem entrar no caminho do desenvolvimento de maneira mais equânime, mas para isso é necessário reduzir a concentração da riqueza, deslocar investimentos e reforçar estruturas jurídicas do Estado democrático de direito em países vulneráveis, além de enfrentar o capitalismo mais selvagem e reduzir a volatilidade

do capital em circulação. Atacar as causas pela raiz pode estancar o crescimento do apoio ao populismo autoritário e passar a ampliar, com esse movimento, o horizonte de esperanças em relação ao futuro. Democracias robustas são aquelas que geram menos incertezas e angústias para seus cidadãos. Sistemas democráticos mais bem consolidados são aqueles em que os cidadãos confiam nas instituições e tem uma percepção geral boa do funcionamento do regime como um todo.

REFERÊNCIAS

- BAUMAN, Zygmund. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.
- BOURDIEU, Pierre. **Sobre a televisão**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1997.
- CARR, Nicholas. **Is google making us stupid?: what the internet is doing to our brains**. 2008. *The Atlantic*. Disponível em: <https://www.theatlantic.com/magazine/archive/2008/07/is-google-making-us-stupid/306868/>. Acesso em: 24/08/2023.
- CONTRAFOGOS**: táticas para enfrentar a invasão neoliberal. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.
- CONVERSE, Philip E. The nature of belief systems in mass public (1964). **Critical Review**, v. 18, n. 1-3, p. 1-74, 2006.
- DAHL, Robert A. **A moderna análise política**. Rio de Janeiro: Lidador, 1970.
- DEIBERT, Ronald J. **Reset**: reclaiming the internet for civil society. Toronto: House of Anansi Press, 2020.
- DEMOCRATIC deficit**: critical citizens revisited. Spring: Cambridge University, 2011.
- FOA, Roberto Stefan. Why strongman win in weak states. **Journal of Democracy**, v. 32, n. 1, p. 52 - 65, jan., 2021.
- FUKUYAMA, Francis. Make the internet safe for democracy. **Journal of Democracy**, v. 32, n. 2, p. 37 - 44, apr., 2021.
- HARRIS, Tristan. **How technology is hijacking your mind — from a magician and Google design ethicist**. 2016. *Medium*. Disponível em: <https://medium.com/thrive-global/how-technology-hijacks-peoples-minds-from-a-magician-and-google-s-design-ethicist-56d62ef5edf3>. Acesso em: 07/08/2023.
- HART, Michael, H. **As 100 maiores personalidades da história**: uma classificação das pessoas que mais influenciaram a história. Rio de Janeiro: DIFEL, 2002.

HERMET, Guy. **A democracia**. Lisboa: Ed. Piaget, 1997.

HOFFMANN, Fábio; SANTOS, Everton Rodrigo. Os jingles como formas simbólicas estratégicas de persuasão político-eleitoral. **Cadernos do Tempo Presente**, v. 8, n. 4, p. 27-38, jul.-dez., 2017.

HOW social media is ruining politics. 2015. *Politico*. Disponível em: <https://www.politico.com/magazine/story/2015/09/2016-election-social-media-ruining-politics-213104?paginate=false>. Acesso em: 22/08/2023.

WHY Trump tweets (and why we listen). 2018. *Politico*. Disponível em: <https://www.politico.com/magazine/story/2018/01/26/donald-trump-twitter-addiction-216530>. Acesso em: 06/08/2023.

IDEOLOGIA e cultura moderna: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa. Petrópolis: Vozes, 2011.

IN Praise of skepticism: trust but vefiry. New York: Oxford University Press, 2022.

INGLEHART, Ronald. **The cultural backlash**: Trump, Brexit e and the rise of authoritarianism populism. New York: Cambrige University Press, 2019.

INGLEHART, Ronald; NORRIS, Pippa. Trump and the populist authoritarian parties: the silent revolution in reverse. **Perspectives on Politics**, v. 15, n. 2, p. 443-454, jun., 2017.

JENKINS, Henry. **Cultura da convergência**. São Paulo: Aleph, 2009.

KEYES, Ralph. **The post-truth era**: dishonesty and deception in contemporary life. Londres: Macmillan, 2004.

LEFORT, Claude. **A invenção democrática**: os limites da dominação totalitária. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1987.

LIPOVETSKY, Gilles. **Os tempos hipermodernos**. São Paulo: Editora Barcarolla, 2004.

LYNCH, Marc. After the arab spring; how the media trashed the transitions. **Journal of Democracy**, v. 26, n. 4, p. 90 - 99, oct., 2015.

MARKOFF, John. Democracia: transformações passadas, desafios presentes e perspectivas futuras. **Sociologias**, vol. 15, n. 32, p. 18-50, 2013.

MENDONÇA, Daniel de. Antagonismo como identificação política. **Revista Brasileira de Ciência Política**, n. 9, p. 205-228, sept./dec., 2012.

MORAIS, Jennifer Azambuja de; COSTA, Andressa Liegi Vieira; Bernardi, Ana Julia Bonzanini. Populismo, polarização política e a pandemia do coronavírus: Donald Trump e a opinião pública nos Estados Unidos. **Debates**, v. 14, n. 3, p. 126 - 149, set.-dez., 2020.

MORRIS, Dick. **Jogos de poder**. Rio de Janeiro: Record, 2004.

NORRIS, Pippa. The Growth of critical citizens?. In: Norris, P. (ed.). **Critical citizens**: global support for democratic governance. New York: Oxford University Press, 1999.

POLIARQUIA: participação e oposição. São Paulo: Edusp, 2012.

SOBRE a democracia. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2016.

SENNETT, Richard. **A corrosão do caráter**: consequências pessoais do trabalho no novo capitalismo. Rio de Janeiro: Record, 2003.

THOMPSON, John B. **O escândalo político**: poder e visibilidade na era da mídia. Petrópolis: Vozes, 2002.

TILLY, Charles. **Democracia**. Petrópolis: Ed. Vozes, 2013.

Contribuição dos autores

1 – Fábio Hoffmann

Mestre em Ciência Política pela Universidade Federal de Pelotas

<https://orcid.org/0000-0003-4374-5216> • molahms@gmail.com

Contribuição: Conceituação, Metodologia, Análise dos dados, Escrita.

2 – Everton Rodrigo Santos

Doutor e Mestre em Ciência Política pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul

<https://orcid.org/0000-0002-6270-3196> • evertons@feevale.br

Contribuição: Conceituação, Análise e Curadoria dos dados, Supervisão, Escrita – revisão

Como citar este artigo

HOFFMANN, Fábio; SANTOS, Everton Rodrigo. Democracia e comunicação política em tempos de pós-verdade. **Revista Sociais e Humanas**, Santa Maria, v. 36, n. 1, e74584, 2023. DOI: 10.5902/2317175874584. Disponível em: <https://doi.org/10.5902/2317175874584> Acesso em: dia mês abreviado. ano.